

Dedicado a ti, Plendor, Rei dos Elfos e meu eterno amigo, e à criança que jamais teve uma infância — Sabrina Lunis Von Le Fey.

Há histórias, meu caro Plendor, que não deveriam ser contadas a qualquer ouvido. Há vidas que, ao serem narradas, arrancam pedaços da alma de quem escuta e queimam como brasa a língua de quem ousa dizê-las. Mas tu sempre buscaste a verdade, mesmo que doída, e por isso te escrevo esta, a mais obscura de minhas crônicas — não pela escuridão do mal, mas pela intensidade do amor.

Há 17 invernos, no norte do continente de Iritheia, em um pequeno e gelado reino chamado Tundragal, vivia uma jovem princesa de apenas treze primaveras: Melissa Lunis, filha única do rei Carlo Lunis. Seu pai, já avançado em idade, foi acometido por um mal que nenhum médico, alquimista ou curandeiro pôde compreender, quanto menos curar. Quanto mais tentavam, mais ele definhava, e com ele, o coração de sua filha.

Melissa, desesperada, mergulhou em livros proibidos — medicina, arcanismo, bruxaria. Passava dias e noites à luz de velas consumindo tudo o que poderia oferecer-lhe uma migalha de esperança. E numa madrugada, quando os ventos sibilavam como presságios sombrios, ela ouviu pela fresta da porta os gemidos agônicos do pai, sua mãe chorando ao lado, o sangue jorrando como se o corpo real quisesse se desfazer do mundo.

Em lágrimas e sem forças, Melissa caiu ao chão, e foi então que seus olhos encontraram algo sob a cama: um

antigo livro selado com um símbolo que reconheceu imediatamente. Um grimório. Presente de um estranho amigo da família, esquecido pelo tempo. Seu selo era inquebrável à ignorância, mas a dor abriu seus caminhos.

Com o próprio sangue desenhou os selos arcanos, e entoando palavras que jamais deveriam ser ditas por bocas humanas, ela chamou. E a névoa negra respondeu.

“Doce criança, por que choras? Você não falhou. Eu estou aqui.”

A criatura, envolta em fumaça e sombra, a olhou com olhos sem fim. Melissa perguntou: “Você pode salvá-lo?”

A criatura riu, e sua voz ecoou como um trovão entre as paredes do quarto.

“Pareço incapaz de algo que desejo? Tudo neste mundo é simples. Tudo é possível. Olho por olho. Alma por alma.”

Melissa hesitou apenas por um segundo.

“Você quer a minha alma em troca da vida de meu pai?”

O ser acenou com a cabeça.

Ela aceitou.

Mas a criatura não a matou. Não ali. Em vez disso, ordenou:

“Vá à floresta mais próxima. Traga cogumelos de domo roxo, flores da lua e um broto de burgão. Misture tudo em sangue de coelho. Traga-me como oferenda. Depois, divida: metade tua, metade dele.”

E assim ela o fez.

Nas brumas da madrugada, adentrou a floresta. Mas ali não foi o destino quem a encontrou — foram homens. Bestas em forma humana. Selvagens.

A princesa foi brutalmente atacada, amarrada, abusada, usada. Deixaram-na à sombra de uma árvore, despida da alma, do corpo e da dignidade.

Mas a morte não podia vir. Seu pai ainda vivia. E ela ainda tinha uma promessa.

Rastejando, machucada, voltou ao castelo. Preparou a poção como ordenado. Ofereceu ao seu patrono, bebeu metade, e correu ao quarto do pai.

“Melissa! O que faz?” gritou sua mãe, ao vê-la despejando o líquido nos lábios do rei.

Ela apenas chorava.

Desmaiou, esvaindo-se em febre e sangue.

Mas o rei — ah, o rei ergueu-se como se o tempo tivesse voltado. Curado. Vivo.

E Melissa, por quatro dias, lutou entre o mundo dos vivos e dos mortos. Visitada em sonhos por seu patrono, foi-lhe revelado: ele não podia salvar o rei, pois ele não lhe pertencia. Mas agora ela pertencia. E por isso, poderia ser salva.

No quinto dia, Melissa despertou. Curada. E assim começou sua servidão.

Com o passar dos meses, a princesa passou a ser temida. O povo murmurava nas vielas: “Bruxa... Demônio...”

E então, veio a gravidez.

Treze anos. Sem príncipe. Sem pretendente. E desejos estranhos — carne de elfos, tentáculos. Médicos e magos confirmaram: Melissa carregava uma criança.

A fúria popular tomou as ruas.

“Tochas!”, clamaram. “Queimem a bruxa! Queimem a prostituta!”

O próprio rei, acuado, entregou-a ao julgamento público. Diante de seu pai, Melissa implorou: “Sou tua filha! E carrego o teu neto!”

Mas a pressão foi maior que o sangue.

“Melissa Lunis, confessas o crime de bruxaria?”

Seguindo a voz do patrono, Melissa não mentiu.

“Sim, Vossa Alteza. Eu sou culpada.”

E naquele instante, a névoa negra voltou.

Em um piscar de olhos, desapareceu do salão.

Seguiu para o norte, carregando a criança e o peso do mundo. Exausta, buscou seu patrono.

“Nem que eu morra, mas salva meu filho!”

“Doce criança... Tudo é simples. Olho por olho. Vida por vida.”

Ela entendeu.

“Então... queres minha vida?”

Sim.

Mas, como antes, a criatura não a matou.

“Essa criança viverá até a velhice. Eu a protegerei como minha. Quando nascer, e o sol se for, tomarei tua vida. E cumprirei meu pacto. Agora vá. Te enviarei um companheiro.”

Dois dias depois, Melissa encontrou Gabriel — um bruxo leal ao mesmo patrono. Tornaram-se amigos. Ele a ajudaria a parir e a criar a criança.

Nasceu então Sabrina.

Melissa, já às portas da morte, disse:

“Dedico esta criança ao meu mestre. Cuide dela. Ensine-lhe os caminhos. Seu nome será Sabrina.”

Ao pôr do sol, Melissa expirou. E com o último raio de luz, Sabrina inspirou pela primeira vez.

Olhos negros. Sem vida. Até o crepúsculo. Quando finalmente brilhou em púrpura.

Gabriel jamais quis ser chamado de pai. Preferia “Mestre”. E Sabrina, educada sob as sombras, aprendeu tudo.

Bruxaria. Magia. Mutação.

Ela era meio humana, meio fera. Quando enfurecida, sua essência se tornava lobo, sombra, fúria. Suas garras cresciam, seus dentes afiados brilhavam na penumbra.

Aos 17 anos, firmou o pacto com aquele que sempre esteve com ela.

E então, passou a se chamar: Sabrina Lunis Von Le Fey.